

# A história do diário de JK

Cláudio Bojunga, editorialista, comentarista de política internacional e agora biógrafo de JK, reconhece como fatalidade a morte do ex-presidente, mas registra o contexto da época que ensejou a suspeita de atentado: o momento em que outros líderes desapareciam de forma suspeita, a paranóia da ditadura, a operação Condor, e, por último, a torcida de muitos que queriam que ele realmente desaparecesse. A despeito de tudo, entendeu Bojunga em suas pesquisas, houve sim coincidência de Juscelino vir a morrer tragicamente naquele ano de 1976 na rodovia Presidente Dutra. O seu carro, de pouca estabilidade, bateu em um ônibus, foi empurrado para a pista em sentido contrário chocando-se com uma carreta de gesso. Se existem dúvidas quanto à morte de outros políticos como Carlos Lacerda e João Goulart, estas não prevalecem no caso de JK.

Sobre a morte do ex-presidente, o jornalista, na sucessão de entrevistas que concede para divulgar o livro, comentou sobre o Diário de JK retirado dos despojos. Como **Raioxis-Rio** em sua edição semanal deu o furo nacional reproduzindo grande parte do documento pessoal do presidente, fornece agora novos detalhes daqueles dias em que o Brasil chorou a perda de uma de suas maiores lideranças.

Ao contrário do que Cláudio Bojunga relata em suas entrevistas, o médico Guilherme Romano não foi a Resende, por sua condição profissional, liberar o corpo a pedido da família ou com a aprovação dela naquele momento de perplexidade. O médico estava em sua fazenda,



*Diário revelava o homem triste e sem esperanças*

em Vassouras quando soube do acidente na manhã do dia seguinte. O corpo de Juscelino já se encontrava no Rio. Romano foi à Delegacia onde deu ordens ao titular para que lhe entregasse os pertences que foram retirados do veículo. Sem discutir, a autoridade atendeu e Romano levou para Vassouras a mala do ex-presidente. No caminho, resolveu abri-la e encontrou o diário, um blazer azul marinho com botões dourados com a inscrição JK, um *pull over* azul marinho, verde e vermelho e outras roupas. Na mala tinha ainda um exemplar da revista Manchete com Jânio Quadros na capa. Juscelino desenhou um círculo em torno do rosto de seu arquiinimigo político, prova-

velmente para chamar a atenção para o semblante desequilibrado do seu sucessor na presidência. Na bagagem pessoal de Juscelino havia ainda um compadre, uma peça móvel usada em hospitais para os pacientes urinarem. JK padecia com um câncer de próstata. Ao chegar na altura de Barra do Piraí, Guilherme Romano desembarcou do carro um amigo com a incumbência de xerocar o diário. Pediu que fossem feitas duas cópias. Supunha-se que Romano entregaria os originais a D. Sara, daria uma cópia a seu amigo e padrinho político Golbery do Couto e Silva e ficaria com a terceira em seu poder, pelo prazer de se dizer bem informado e influente. O portador, porém, acresceu à cota encomendada mais uma cópia para o seu arquivo pessoal. Anos depois quando já se falava abertamente em trechos do diário no círculo do presidente morto, foram entregues a **Raioxis-Rio**

algumas páginas do material com o compromisso de revelá-la como curiosidade histórica e sem escândalo. Essa doação foi feita por um economista. Em meados dos anos 90, quase vinte anos depois, a *letter* publicou as principais partes do diário em capítulos em que Juscelino revelava a extensão do seu sofrimento e das dificuldades em que continuava a viver. Uma homenagem a um ex-presidente que foi considerado pelos adversários como o mais corrupto da história e não se libertava dos problemas pessoais. E que vivia os seus derradeiros dias esquecido pela maioria dos amigos que choram hoje o seu trágico desaparecimento.